

1. Título: Alienação e holófrase: uma abordagem lacaniana sobre a constituição do sujeito nas graves psicopatologias

2. Tema: Pretende-se investigar a operação de alienação na obra de Lacan por meio da construção do caso clínico de uma criança *infans* – *in*: não; *fans*: fala -, visando distinguir algumas manifestações do sujeito em que a hipótese da holófrase poderia iluminar o diagnóstico e o tratamento das psicopatologias graves em crianças.

3. Área de Concentração e Linha de Pesquisa: *Estudo psicanalítico; Conceitos Fundamentais em Psicanálise Investigação Campo Clínico e Cultural.*

4. Objetivos

4.1 – Objetivo geral: Pesquisar a operação de alienação e holófrase na teoria psicanalítica lacaniana, a partir da construção de um caso clínico.

4.2 – Objetivos específicos:

- a) Definir a operação de alienação em Lacan, distinguindo os elementos da teoria freudiana que forneceram suas diretrizes.
- b) Investigar em que condições os conceitos de alienação e holófrase poderiam iluminar os diagnósticos e a clínica de psicopatologias graves.
- c) Distinguir no caso clínico apresentado a relação do sujeito com a linguagem, com os objetos e com o corpo.
- d) Problematizar, por meio dos jogos da criança, as direções possíveis do tratamento psicanalítico nos casos de psicopatologias graves.

5. Justificativa

5.1 – Introdução

Propomos a construção do caso de Paulo, considerando este caso paradigmático da contemporaneidade - marcada pelo avanço das neurociências - na medida em que a presença do sujeito se impõe aos diagnósticos organicistas. Diante das manifestações do sujeito, a hipótese da holófrase supõe um modo do sujeito se fazer com a linguagem. O problema do autismo no campo das psicopatologias será investigado através do que a *práxis* clínica e a operação de alienação nos ensinam sobre a constituição do sujeito em psicanálise.

O diagnóstico de autismo é recente na psicopatologia, tendo sido isolado a partir dos anos 40, concomitantemente, por Leo Kanner e Hans Asperger. Kanner (1943) agrupou onze casos de crianças que faziam um uso das palavras fora do sentido; impossibilidade de estabelecer laços sociais desde o início da vida; cognição frequentemente preservada; fisicamente normais e comportamentos ritualísticos, sob o termo *Distúrbio Autístico do Contato Afetivo*. Kanner considerou que estes quadros se distinguiriam dos quadros de esquizofrenia e psicose, pois nestes há uma ruptura do laço social, enquanto no autismo o sujeito não chegaria a pactuar com o laço social. Asperger (1944), por sua vez, propôs em seu estudo a denominação *Psicopatia*

Autística, em que se inclui transtorno severo na interação social; ecolalias; dificuldades motoras e incidência prevalente no sexo masculino.

Desde então, muitos casos entraram na série autística e diversos pesquisadores da medicina e da psicologia vem procurando distinguir as causas que determinariam o funcionamento do sujeito no autismo, assim como seu tratamento. Preocupação que também se verifica na psicanálise, em que há uma diversidade de definições não consensuais:

Ademais, não é certo que se deva tomar posição sobre a unidade de estrutura do autismo, já que consideramos a possibilidade de o sujeito ter acesso a uma ‘psicotização’ de sua posição, assim como a um outro registro de inserção na fala. Em nossa concepção, devemos tentar preservar esse registro de transformação possível, ou não, do sujeito no decorrer da experiência, por exemplo, o abandono do mutismo (LAURENT, 2007, p. (33).

A recenticidade da delimitação do autismo revela-se também pela incipiência das pesquisas neste campo, portanto, há uma necessidade em se desenvolver estudos que contribuam com a compreensão destas manifestações e, conseqüentemente, com o tratamento destes sujeitos. Pesquisas recentes demonstram um crescimento exponencial, especialmente nos últimos anos, de quadros de autismo no mundo, suscitando debates provenientes do campo do tratamento, mas que envolvem a educação e a ética, chegando à discussão política:

Só na Califórnia, a quantidade de crianças que recebem cuidados assistenciais especiais em razão de seu autismo triplicou de 1987 a 1998 e dobrou nos quatro anos seguintes... Essa onda deixou clara a urgência das reivindicações por mais pesquisas e mais créditos federais para educar as crianças autistas (LAURENT, 2014, p. 28).

Como categoria nosográfica, o autismo cresceu de maneira desconcertante, e essa extensão nos inquieta. Lidamos hoje em dia com números alarmantes: sua prevalência teria aumentado em 57% entre 2002 e 2006 (Mitka, 2010) ou ainda em 600% entre 1990 e 2006 (Hertz-Picciotto et al., 2009). É certamente difícil distinguir entre o que é atribuível a uma mudança nos critérios diagnósticos, à expansão de algumas categorias e o que é resultado de melhores métodos de detecção em uma idade mais precoce (ANSERMET, & GIACOBINO, 2013, p. 30).

Essa aparente epidemia, que massifica um grande contingente de sujeitos no quadro de autismo, mais parece mostrar a impotência – imaginária – a que o *infans* lança os clínicos do que localizar uma impossibilidade real de algumas crianças. Mesmo que a saúde pública não possa prescindir de categorias diagnósticas, o objetivo da construção do caso é lidar com a manifestação de uma criança que pode iluminar a prática clínica.

De nossa parte, privilegia-se a posição ética da psicanálise com relação ao caráter ficcional dos diagnósticos como escolha metodológica. Ao eleger um caso atendido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como causa deste projeto de pesquisa, espera-se retornar à UFMG questões provenientes da *praxis* em sua *clínica-escola*. Este anteprojeto busca inscrição na **Área de Concentração Estudo psicanalíticos**, na **Linha de Pesquisa Conceitos Fundamentais em Psicanálise Investigação Campo Clínico e Cultural**. Ademais, propõe-se um modo de leitura da alienação nas graves psicopatologias, que retoma a hipótese da holófrase como um modo de manifestação do sujeito na linguagem,

na relação com os objetos e na relação com o corpo. Esta investigação pretende contribuir com a identificação e o tratamento dos quadros de psicopatologias graves na infância.

Neste sentido, pretende-se distinguir o funcionamento de Paulo, “dito autista”, aos seis anos em seu esforço de tornar-se sujeito, trabalho sempre singular. Para tanto, será necessário estabelecer uma definição balizadora do que se trata nas graves psicopatologias para a psicanálise.

5.2 – *A relação do sujeito com a linguagem, com os objetos e com o corpo na holófrase*

A hipótese de que Paulo insere-se na linguagem de modo holofrásico sustenta-se nas três modalidades em que a criança manifesta sua relação com o Outro. O uso restrito e singular de determinados fonemas; no modo maciço em que acopla-se a certos objetos e, finalmente, na forma como estabelece demanda e adesão ao corpo do outro.

Retomar as referência de Lacan à holófrase pode nos subsidiar na tentativa de problematizar os modos de alienação do sujeito ao Outro. A ordem simbólica antecede a constituição do sujeito. É a partir dela que as outras dimensões, imaginária e real, se enodarão. Como veremos, a presença da holófrase na fala de uma criança já implica certa modalização de seu pertencimento a um tecido simbólico (cf. Lacan, 1953-1954/1986, p. 257).

Considerando que o princípio mínimo do funcionamento da linguagem é o de que o sujeito é representado por um significante para outro significante ($S_1 \rightarrow \$ \rightarrow S_2$), nos casos em que o sujeito se manifesta por meio de holófrases, o sujeito não se faz representar por significantes. Assim, o significante (S_2) que permitiria sua representação a partir de um outro significante (S_1), comparece na fala da criança de um modo singular, amalgamado e indistinto daquele que o precederia, ou seja, sem o intervalo que permitiria o alojamento do sujeito, que ali se distinguiria ao mesmo tempo em que se engancharia ao funcionamento da linguagem.

Lacan (1964/2008) sublinha que, na holófrase, código e mensagem encontram-se colados. Nesse momento, o sujeito está reduzido a uma necessidade deformada pelo significante, necessidade distorcida em demanda. A holófrase é o próprio sujeito que constitui esse *monólito*, na medida em que o sujeito não se dissocia de sua mensagem. Por mais solidificado que seja, o som emitido por ele não se reduz ao instintivo, mesmo que aquilo que se escuta seja só uma interjeição, pois ela não é, por isso, menos discursiva.

Uma interjeição não é um grito expressivo, ela é da ordem da linguagem. Na holófrase, o sujeito não se conta porque está identificado e solidificado no significante holofrasiado. O sujeito se reduz a um emissor gritando, mas essa ínfima articulação é suficiente para constituir esse sujeito elementar, porque ele é indissociável dela. O sujeito não se anuncia, é a holófrase que o anuncia suficientemente (cf. Lacan, 1958-59/2013).

Para além da linguagem, um dos indícios fundamentais do autismo está na relação particular do sujeito com o objeto (cf. Laurent, 2007, p. 52). O objeto em psicanálise é aquilo que se destaca do corpo e, portanto,

faz borda com ele. O analista dá especial atenção aos objetos de acoplamento do autista, pois funcionam como a própria pele do sujeito, que o defendem do “outro invasor” e, ao mesmo tempo, permitem sua aproximação, sendo, portanto, o que o permite a eles, a seu modo, uma invenção do próprio corpo. Segundo a tese exposta em Lacan (1972/2003), ter um corpo constitui um problema para o ser falante, salvo que o neurótico adota soluções típicas, pois o discurso vem ao seu socorro. O autista, assim como o psicótico, terá que inventar um corpo sem o auxílio do significante fálico, que é para o neurótico sua solução *prêt-à-porter*.

Quanto ao objeto voz presente na fala, este aparece de modo dilacerante no autismo. Vê-se as perturbações diversas que estes sujeitos apresentam no nível da linguagem falada: ecolalias, mutismos, intolerância a determinados sons (como avião por exemplo), entre outras. Servir-se da linguagem pressupõe que o sujeito consinta com o Outro, o que justamente o autista parece recusar no modo como se manifesta. Aí localiza-se o ponto fundamental que neste trabalho distingue o autismo das outras psicopatologias, a recusa insistente do sujeito ao Outro.

Lacan (1953-54/1986) tece um comentário sobre o caso *Dick* de Melanie Klein, em que a analista o distingue da debilidade, ao sublinhar que a apatia e indiferença apresentada pela criança, aos quatro anos e meio, não fazem referência a uma idiotia. Na ocasião não existia ainda o diagnóstico de autismo, mas as observações clínicas de Melanie Klein se situam como precursoras deste diagnóstico diferencial. Lacan interpreta: “O autista é o mestre da linguagem” (p. (102). A maestria advém de que o autista não se submeteria às leis do funcionamento da linguagem. Calligaris (1989) desenvolve esta ideia afirmando que o autista é um teólogo, na medida em que seu Outro é real, não barrado.

A escolha do autismo me parece diferente: uma tentativa de apagar a Demanda do Outro, se anulando, segundo a idéia que, se não houvesse criatura, não haveria falha na perfeição do criador e por consequência o criador não queria nada. O autista me parece ser um teólogo. (CALLIGARIS, 1989, p. 67)

Por fim, intenta-se verificar a hipótese de que o corpo do *infans* estaria holofrasiado com o corpo da mãe em função significativa, utilizando a observação de Mannoni sobre uma *fusão de corpos* imaginária entre mãe e filho, que impediria a constituição deste último como um sujeito desejante: “Vimos a que ponto a criança retardada e sua mãe formam, em certos momentos, um só corpo, o desejo de um confundindo-se tanto com o desejo do Outro.” (Mannoni, 1923/1999, p. 49). Lacan (1958-59/2013, p. 235) interpreta a *fusão de corpos* ao concluir que: os desastres da constituição subjetiva vão se fazer por meio das primeiras adequações do sujeito às suas identificações, no momento da integração das relações autoeróticas nas fronteiras da imagem do corpo. Mannoni enfatizou em seu trabalho a relação de crianças debéis com a mãe. Entretanto, a posição de extensão do sujeito em relação ao corpo do outro também se apresenta em casos de autismo e psicose.

5.3 – Da leitura lacaniana de Freud ao conceito de alienação

Partimos da constatação de que Lacan se serve da construção teórica de Freud acerca do *recalque originário* (*Urverdrängt*) e do *traço unário* (*einziger Zug*) para posteriormente delimitar o que seria a operação de alienação na constituição mesma do sujeito.

O bebê vivencia tensões entre excitação/apaziguamento; necessidade/satisfação; presença/ausência que formariam um *primeiro registro das percepções*. Tais percepções do bebê, em determinada intensidade e frequência tornam-se signos de percepção, marcas esvaziadas de qualquer representação. Algumas dessas marcas imprimem o *einziger Zug*, promovendo em sua insistência o *Urverdrängt*.

Lacan (1968-69/2008) propõe um retorno à noção de *Urverdrängt*, no sentido de esclarecer o princípio regente da enunciação em sua leitura da obra freudiana. Freud (1914-1916/2010) supõe que o conceito metapsicológico de recalque original é a condição para a hipótese do inconsciente, operando como um pólo de atração para elementos a recalcar,

...estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de *traços* da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias - a uma *retranscrição* (Freud, 1896/1996, p. 281, grifos nossos).

Embora Freud não tenha desenvolvido uma metapsicologia propriamente do *einziger Zug*, localizar o modo como este conceito é introduzido em sua obra é proveniente da escolha pelo percurso de Lacan, em que este é uma referência sem a qual não poderíamos pensar a cadeia significante.

O psicanalista francês faz uma leitura do texto freudiano a partir do arcabouço teórico da linguística estruturalista. Com Lacan (1967-68) o *Urverdrängt* produz o primeiro entrelaçamento entre pulsão e significante. Além disso, exerce atração sobre tudo com que estabelece conexão, ocasionando a segunda etapa do recalque, denominado *recalque propriamente dito*, relativo à representações derivadas do representante recalcado ou a cadeias de pensamento que, mesmo vindas de outros lugares, estabeleceram ligações associativas com esse representante. O primordialmente reprimido em Freud é o ponto de enlace, fixação e atração de todos os recalques posteriores a este (cf. Freud, 1914-1916/2010, p. 86).

O conceito de recalçamento originário é embrionário do inconsciente e, assim, da própria psicanálise: “a teoria do recalque é a pedra angular em que se assenta todo o edifício da psicanálise” (Laplanche & Pontalis, 1967/1986, p. 432). Portanto, é fundamental retornar a esta teoria freudiana para melhor compreender as bases em que Lacan formulou a operação de alienação.

Em Freud (1923/2007, p. 42), a identificação ao pai primordial é inevitável, está na origem do laço social; aniquilado tal como o objeto da fase oral, o pai seria incorporado direta e imediatamente. Poderíamos supor que a incorporação do pai em Freud é lida por Lacan como a própria operação de alienação, em que o destino do ser é sua submissão ao campo da linguagem, ao mesmo tempo em que só lhe resta nela crer – uma escolha forçada da pulsão. No escopo de Lacan (1960-61/1992, p. 344), a identificação primária freudiana ao pai – *einziger Zug* – toma a forma das *insígnias do pai*, distintas da função significante por não estarem ainda

encadeadas. A primeira identificação com o Outro, no sentido radical, está na identificação às insígnias do outro (Lacan, 1957-58/1999, 441).

Lê-se em Lacan que o S_1 , significante ou traço unário, funda a cadeia significante, na medida em que representa o sujeito para um outro significante – representante da representação. O bebê é, inicialmente, apenas ser (orgânico), puro real. Entretanto, o agente materno, ao imprimir seus cuidados às necessidades do bebê, o introduz no simbólico, na medida em que interpreta seu apelo, ou seja, transpõe aquilo que era da ordem fisiológica para o registro da demanda. De acordo com Lacan (1968-69/2008), “o que não está ali, o significante não o designa, ele o engendra. O que não está ali, na origem, é o próprio sujeito” (p. 21). O apelo, assumindo sua função antes de ser percebido como tal e antes de se distinguir um eu e um não-eu, é atualização, na experiência, da estrutura mínima do significante, que agora incidirá no *infans* como real, traçando o recalque originário.

Portanto, o agente materno impõe a ordem simbólica no funcionamento do organismo, na alternância que ritma a oferta do seio, dos banhos, por exemplo, mas que pode não ser, por si só, exaustiva. Assim, em uma série de casos, é insuficiente para inserir o sujeito no campo do Outro, como se verificará nas psicopatologias graves.

A mãe ou quem faz sua função opera como um agente simbólico, ao ser encarnado por um sujeito: o Outro real (Lacan, 1958-59/2013, tradução nossa). Assim, Lacan indica que não basta a mãe estar submetida ao campo da linguagem para nele inserir o bebê, uma vez que é ao se apresentar como real que ela pode exercer a função simbólica, promovendo a junção do ser com o Outro. Neste sentido, o Outro real será pesquisado para melhor esclarecer os pilares fundamentais para a constituição do sujeito.

5.4 – *Alienações e Holófrase*

O significante marca o sujeito pela divisão subjetiva entre o sentido produzido pela cadeia significante e, em contrapartida, a *afânise* do próprio sujeito. Lacan (cf. (1964/2008) introduz nesta dialética a lógica do processo de alienação¹, em que a entrada na linguagem implica a morte da coisa, ou seja, o ser, ao se fazer representado pela linguagem, desaparece enquanto ser. No entanto, a linguagem é por estrutura não-toda, sendo esta a justa medida da alienação, em que resta sempre uma parte inalienável do ser. Desta forma, o caráter binário do significante determina a alternância do modo com que o sujeito comparece, ora enquanto ser (*afânise* do sujeito), ora enquanto linguagem do Outro ($S_1 \rightarrow S_2$), produzindo seu sentido:

A alienação consiste nesse *vel* que – se a palavra *condenado* não suscita objeções da parte de vocês – eu a retomo – condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise* (Lacan, 1964/2008 p. 206).

¹ Estabelecido por Lacan no Seminário 11 (1964/2008) como uma das operações de constituição que delimita um resto, tratado nesse contexto, como operação de separação. Posteriormente no Seminário 15 (1967-68) Lacan as tratará apenas com o termo alienado.

Pretende-se estudar a alienação na passagem do Outro Real para o $\mathcal{A}$, o ponto de junção lógica de duas faltas, a falta no ser na qual a linguagem é implantada, e em contrapartida a falta no Outro à qual o sujeito procura saturar com o seu ser. Esta interseção deixa como resto o objeto a . Este a só se produz ao nível do Outro enquanto lugar da palavra $\mathcal{A}$, não ao nível do Outro enquanto real.

As observações de Freud (1920/1996) acerca do *Fort-Da* são fundamentais na obra de Lacan, tanto na vertente do significante, quanto na vertente do objeto. Freud relata uma brincadeira de seu neto na ausência da mãe, em que este jogava um carretel para fora do próprio campo de visão, emitindo um *o-o-o-o*, acompanhado por um semblante de regozijo. Essa expressão supostamente queria dizer *Fort* -“foi embora”. Em seguida, o menino puxava o carretel para si e o saudava com um alegre *Da* - “aqui”.

Na verdade, há duas brincadeiras em jogo. Há o *Fort-Da* completo que implica no desaparecimento e retorno do carretel com um final prazeroso. Neste Freud supõe que o bebê encena exercer domínio sobre as idas e vindas do agente materno. No entanto, a criança realiza com muito mais frequência uma segunda brincadeira: o jogo do *Fort*, em que brinca de ir embora com os seus brinquedos. É curioso que a dolorosa perda do objeto seja mais repetida do que a feliz recuperação. Freud já havia trilhado que neste ponto haveria algo *Além do Princípio do Prazer*.

Enquanto significante solitário, o *Fort* é um S_1 separado de *Da*, S_2 , produzindo e demarcando um excesso de excitação do aparelho psíquico, um gozo. Por meio deste representante da representação inscreve-se o traço da perda e, assim, o prazer de seu retorno. Esse significante não reproduz o gozo perdido, ele é marca desse gozo. O significante é, simultaneamente, produtor de gozo e instrumento que apaga o gozo originário. Em busca desse gozo irrecuperável o sujeito repete a perda do objeto por meio das marcas que a perda deixou em seu psiquismo, construindo a cadeia significante em que ele desliza.

Podemos supor que, a despeito da intrusão da *linguagem* como o que marca o ser vivo, esta pode permanecer ilegível em uma série de casos em que há estorvos da subjetivação, para que o ser se faça representar nela. O traço, que inscreveria o sujeito, não se articula a nenhuma série significante: “Quando não há intervalo entre S_1 e S_2 , quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar” (Lacan, 1964/2008 p. 231). Se, por um lado, ressaltamos a condição única de cada sujeito, é ainda necessário, a cada caso, discernir os modos pelos quais o sujeito responde ao Outro.

Assim, “a lógica da *alienação* ao campo da linguagem, e seu resto, a *separação* que permite a função da fala, mostra, na holófrase, que as operações de *alienação* e de *separação* podem ser disjuntas, já que a separação pode, aí, não ter incidido” (Vorcaro, 1999, p. 28).

Supõe-se que o aprofundamento destas investigações teóricas servirá como instrumentos no sentido de estabelecer uma lógica do caso, para que a clínica possa ultrapassar o *tipo clínico ideal* ocupando-se daquilo que lhe é próprio, o modo único do sujeito operar com o Outro e com os objetos.

5.5 – Método

O projeto de construção do caso clínico de Paulo apresenta-se consoante a ética da psicanálise, em seu esforço de apresentar um fragmento de verdade *não-todo*, na justa medida da condição do saber. A *praxis* do analista apoia-se, paradoxalmente, na fissura produzida pelo recalque primário, isto é, uma falha, que ao tornar a experiência da linguagem determinada por uma fissura, engendra o desejo que a causa (cf. Carvalho & Grossi, 2002). É neste sentido que a pesquisa em psicanálise opera uma disjunção das práticas classificatórias das ciências positivistas, pois inclui o impossível do real. A psicanálise vale-se do paradigma da ciência pelo seu avesso. Se a ciência busca uma validação universal para o particular, a psicanálise concebe cada caso clínico como irrepetível, sustentando em sua prática o que há de *sui generes* em cada sujeito. Por isso, vale esclarecer, por que a psicanálise trabalha com os diagnósticos se cada caso é singular?

O psicanalista serve-se dos diagnósticos enquanto um instrumento do pensamento que permite conectar situações e perceber a relação entre elas, assim como formular hipóteses e *a posteriori* verificá-las. Todavia, a psicanálise reconhece que não há um caso sequer que corresponda plenamente ao *tipo clínico* que lhe foi atribuído, e isso não impossibilita a sua prática, ao contrário, a mantém viva (cf. Teixeira, 2009, p. 13). A clínica é a causa da psicanálise, a sua gênese e sua força motriz. Freud valeu-se das narrativas de seus pacientes para articular, a cada vez, teoria e prática, estando assim, ambas, indissociáveis desde a origem. Em vista disso, a construção do caso é o próprio método de pesquisa clínica em psicanálise, as referências aos tipos clínicos subsidiam o analista na lógica de sua escuta, em que procura localizar o traço do caso, como aquilo que está na matriz do funcionamento do sujeito (cf. Vorcaro, 1999). Distinguir o traço do caso é o que permite intervir na lógica do sofrimento, o modo de gozo do sujeito.

Portanto, o uso do caso clínico acompanha esta metodologia, em que a dificuldade diagnóstica será investigada à luz das contribuições lacanianas acerca da permanência da holófrase na operação de alienação. Paulo chega ao SPA aos dois anos e oito meses, circunscrito pela angústia parental em que comparece como *infans*. Aos quatro anos, a criança foi diagnosticada com uma lesão cerebral inespecífica o que culminou em sua inclusão, pelo médico, no grupo dos deficientes mentais. No entanto, em conversa com a analista, o médico considera que algumas manifestações da criança poderiam ser atribuídas a um quadro de autismo, e não de deficiência, que poderia desaparecer ou não.

O tratamento e seus efeitos serão apresentados através da série de jogos construídos pela criança em análise. Inicialmente a criança restringia-se a colocar-se a deriva no espaço e a fazer um uso autístico dos objetos. Entretanto, ao longo do tratamento é possível perceber o sujeito experimentar posições diversas, ora

engana o outro, ora se oferecer como objeto, sustentando e ampliando o laço social, o que revela que pode haver um alcance simbólico maior do que se supõe.

Resta ainda o esforço de inscrever o extraordinário do caso único em uma classificação. Logo, o caráter ficcional dos diagnósticos. Lacan (cf. 1968-69/2008) demonstrou que o sujeito não se apreende na cadeia significante, ele escapa a ela, sendo a exigência de classificação do caso tributária, em última instância, do impossível, a saber, um fato de estrutura.

Neste percurso faz-se necessário localizar as posições possíveis do sujeito em relação ao campo do Outro nos diagnósticos estruturais de psicose, debilidade, autismo e psicossomática e, para tanto, nos serviremos da operação de alienação e holófrase. Pretendemos produzir uma distinção do autismo no campo das psicopatologias, e, conseqüentemente, uma possibilidade de equacionar uma direção possível para o tratamento. O modo como a psicanálise procura inscrever o autismo não vem dizer a verdade deste diagnóstico, mas sustentar os enigmas oriundos da clínica diante deste modo de funcionamento do sujeito.

Como referências teóricas, o eixo central da pesquisa orbita em torno do *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, onde Lacan demonstra os modos de acasalamento, não-todo, entre o sujeito e o Outro na operação de alienação. Aborda-se o problema da alienação na holófrase, procurando distinguir o modo excepcional com que alguns sujeitos colam-se a determinados significantes, como verifica-se na manifestação de psicopatologias graves e nos jogos de Paulo. Os textos *Estádio do Espelho* e *Agressividade em psicanálise*, ambos publicados em *Escritos*, serão referências importantes.

No livro *A Criança Retardada e a Mãe*, no qual Mannoni apresenta uma leitura clínica da relação da mãe com a criança débil como uma *fusão de corpos* imaginária que será lida à luz de Lacan enfatizando a questão da holófrase e de sua pertinência no caso de Paulo.

Do legado freudiano, *Carta 52* é um texto em que Freud ensaia formular o traço unário e a formação do inconsciente, e que será articulado a leitura do texto *O recalque*. Estes textos serão retomados com o objetivo de localizar os pontos em que Lacan extraiu estes conceitos da obra de Freud para construir a operação de alienação.

Outro aspecto da condição do falante que permeará este estudo é o da extração do objeto *a*, na medida em que engendra a separação. Pretende-se investigar se o modo peculiar de ingresso na alienação do *infans*, em função da não extração do objeto *a*, implicará em sua relação holofrásica com a linguagem. Vale ainda ressaltar que outros textos de Freud e Lacan serão acrescidos às referências, na medida em que suas contribuições forem pertinentes ao tema da pesquisa. O mesmo vale para seus comentadores.

5.6 - Referências bibliográficas²

ANSERMET, F. & GIACOBINO, A. (2013). *Autismo: A cada um seu genoma*. Petrópolis: KBR.

² De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

- ASPERGER H. D. (1944). *Autistischen Psychopathen*. In Kindesalter. *Arch Psychiatr Nervenkr*.
- CALLIGARIS, C. (1989). *Introdução à uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CARVALHO, F. & F. GROSSI, L. (2002). *Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Fumec.
- FREUD, S. (1996). Carta 52. In *Obras Psicológicas Completas: Edição Standard Brasileira*. (Vol. I, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- FREUD, S. (1996). Mais Além do Princípio de Prazer. In '*Obras Psicológicas Completas: Edição Standard Brasileira*'. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- FREUD, S. (1996). O eu e o isso. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923)
- FREUD, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-16)
- KANNER, L. (1943). *Autistic disturbances of affective contact*. *Nervous Child*.
- LACAN, J. (1967-68). *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.
- LACAN, J. (1986). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953-54)
- LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- LACAN, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957-58)
- LACAN, J. (2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972)
- LACAN, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- LACAN, J. (2008). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1968-69)
- LACAN, J. (2013). *Le Séminaire, livre VI: Le désir et son interprétation*. Paris: Éditions de La Martinière, Le Champ freudien. (Trabalho original publicado em 1958-59)
- LAPLANCHE, J & PONTALIS J.-B. (1986). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- LAURENT, É. (2007). *A sociedade do sintoma. A psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- LAURENT, É. (2014). *A batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- TEIXEIRA, A. M. R. (2009). Do tipo clínico como Semblant. In T. C. SANTOS (Org.) *Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- VORCARO, A. M. R. (1999). *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.